

**MUZZIO, Mariano.**  
***La humanidad de Cristo en Ambrosio de Milán.***  
**Madrid: Ciudad Nueva, 2023, 436p.**  
**ISBN 978-84-9715-563-2**

*André Luiz Benedito*

Mariano Hernán Muzzio é sacerdote da diocese de San Rafael (Argentina). A presente obra apoia-se na tese doutoral defendida pelo autor e publicada pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma em 2021 com o título “La reflexión teológica de Ambrosio de Milán sobre la humanidad de Cristo”.

O livro é dividido em cinco capítulos. O primeiro versa a respeito das controvérsias cristológicas ocorridas no século IV. Além do processo de expansão e retração do arianismo, o autor apresenta alguns pontos específicos no que tange à situação da ortodoxia da fé nicena na diocese de Milão. Em 355, após a deposição do bispo niceno Dionísio – que foi exilado no Oriente e lá permaneceu até sua morte –, foi eleito Auxêncio, um adepto do arianismo originário da Capadócia. Com sua morte em 374, o Ocidente perde uma das colunas da heresia ariana. Porém, a escolha de seu sucessor se via em um impasse: de um lado, bispos da região, parte do clero e dos fiéis da cidade professavam a fé nicena e, de outro, o partido ariano era forte devido à longa permanência de Auxêncio. Ambrósio entra em cena apresentado como candidato: sendo catecúmeno, tecnicamente ainda não estava ligado a nenhum dos dois lados. Os adeptos do arianismo acreditavam que o até então funcionário de Estado seguiria a política de neutralidade do imperador Valentiniano I de não tomar partido em assuntos religiosos; ao mesmo tempo, sua origem familiar nicena tornava-o aceitável aos opositores de Auxêncio. Depois de eleito, Ambrósio foi aos poucos tomando claramente uma posição de apoio aos nicenos. O Concílio de Aquileia em 381 – com ativa participação do bispo de Milão – e o Concílio de Constantinopla ocorrido no mesmo ano – que também condenou o apolinarismo e os que negavam a divindade do Espírito Santo –, somados ao apoio dos imperadores Graciano e Teodósio, marcaram o final da crise ariana. Nesse contexto de defesa da ortodoxia, Ambrósio elaborou dois importantes escritos: os tratados “Sobre a fé” (*De fide*), que se ocupa do embate contra o arianismo, e “Sobre o mistério da encarnação do Senhor” (*De incarnationis dominicae sacramento*), que expõe os erros tanto do arianismo como do apolinarismo.

O segundo capítulo retrata a formação intelectual de Ambrósio. Se é constatável a sua instrução filosófica e retórica, ao mesmo tempo, não há muitas notícias acerca de sua formação teológica para o episcopado. O que se sabe é que, além de um período de formação com Simpliciano, presbítero do clero de Milão, a fluência de Ambrósio na língua grega permitiu-lhe o acesso a autores do Oriente. Dessa forma, sua formação bíblica vinha das obras do judeu Filon de Alexandria e de Orígenes. Por sua vez, a instrução dogmática procedia de textos de Atanásio de Alexandria, de Basílio de Cesaréia e de Dídimo, o Cego. Em relação aos autores latinos, a teologia de Hilário de Poitiers e de Tertuliano de Cartago estiveram presentes na reflexão ambrosiana. Muzzio, ainda, busca esclarecer dois pontos importantes. Em primeiro lugar, a repentina eleição de Ambrósio para o episcopado não o tornava alguém totalmente despreparado para a respectiva tarefa. A formação intelectual recebida em Roma, bem como o ambiente cristão de sua família – que já o deixavam por dentro das disputas cristológicas do século IV – prepararam-no, de alguma forma, para o governo da diocese milanesa. Outro ponto que Muzzio esclarece é a ideia corrente – difundida, sobretudo, a partir de Jerônimo de Estridão – de que Ambrósio fosse apenas um compilador de ideias de outros autores. A crítica atual mostra que o bispo de Milão tem personalidade própria ao receber e organizar o trabalho teológico que chegou até ele. Desse modo, citando Raniero Cantalamessa, o autor ressalta que “tudo que ele recebe deixa de ser de Basílio ou de Atanásio e se torna próprio de Ambrósio” (p. 154).

No terceiro capítulo, Muzzio aborda o caminho percorrido pela reflexão teológica acerca da alma de Cristo anterior a Ambrósio. Depois de apresentar os inícios da cristologia que sublinhava, sobretudo,

a função redentora da encarnação, nosso autor se detém nas abordagens de Tertuliano e de Orígenes. Ao mesmo tempo que eles buscavam ressaltar o monoteísmo que identificava o cristianismo frente ao mundo pagão, ambos ressaltavam com força a integridade da natureza humana assumida pelo Verbo eterno, inclusive falando explicitamente da alma humana de Cristo. Porém, esta ideia não ganhou aprofundamentos, chegando ao ponto de, em algumas regiões como o Egito, a Palestina e partes da Ásia Menor, conceber-se a ideia de que o *Logos* assumiu uma carne inanimada. Isso permitiu a Ário atribuir ao *Logos* as paixões humanas que os evangelhos retratam sobre Jesus – angústia, temor, ignorância –, tirando como consequência o fato de que a natureza divina de Cristo era inferior à do Pai. Em resposta ao arianismo, por insistir na divindade de Cristo, Atanásio não desenvolveu uma reflexão sobre sua alma. Em âmbito latino, Hilário de Poitiers defende com mais força a natureza humana completa de Cristo. Contudo, por enfatizar a divindade frente ao arianismo, Hilário terminou por relativizar alguns aspectos da humanidade do Verbo encarnado. Porém, a controvérsia se acentua com a tese de Apolinário de Laodiceia que leva até as últimas consequências a cristologia *Logos-sarx* ao afirmar que o Verbo assumiu a humanidade sem a parte racional, de modo que Cristo teria uma única natureza com a união entre o Verbo eterno e a carne. Se Atanásio e Basílio passaram o problema por alto – a fim de evitar novas polêmicas que, por sua vez, criariam novas divisões dentro do cristianismo – outros personagens reagiram a essa questão como Epifânio de Salamina e o papa Dâmaso, que reuniu um concílio e condenou o apolinarismo.

No capítulo seguinte, Muzzio apresenta a reflexão ambrosiana a respeito da alma de Cristo. O ponto de partida consiste na abordagem das naturezas divina e humana na única pessoa de Cristo. O bispo de Milão recorda a fé nicena de que Pai, Filho e Espírito Santo são da mesma substância divina, mas não uma única pessoa. Ele também lembra que no mistério da encarnação há duas substâncias distintas – a divina e a humana – em uma única pessoa, isto é, Cristo. Nesse sentido, Ambrósio busca responder aos apolinaristas que sustentavam que, se o Verbo tivesse assumido uma natureza humana completa, tal fato terminaria por agregar uma quarta pessoa na Trindade, convertendo esta em uma téttrade. Passando ao tema mais específico da questão da alma de Cristo, o autor mostra o pensamento ambrosiano a partir de cinco aspectos. O primeiro refere-se à questão do dia do juízo. Afinal, Cristo sabia quando ele ocorreria ou não? À luz dos argumentos de Ambrósio, é difícil chegar a uma conclusão visto que ele sustenta as duas posições e, segundo Muzzio, ele “deixa ao leitor a possibilidade de escolher entre uma e outra” (p. 274). O segundo ponto relaciona-se ao progresso do conhecimento de Cristo. Diante da afirmação bíblica de que “o menino crescia e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria e a graça de Deus estava com ele” (Lc 2,40), Ambrósio expõe dois argumentos que se convergem: ao falar de “menino”, refere-se necessariamente à humanidade, já que a divindade não possui idade; ao mesmo tempo, falar de algo que se enchia de sabedoria refere-se à alma humana, já que não há progressão na sabedoria divina. O aspecto seguinte refere-se às tentações. No que tange à fome de Jesus, para Ambrósio fica claro que o Verbo assumiu um corpo igual ao nosso e, escondendo a divindade na humanidade, ele confundiu o demônio que acreditava nele ver apenas um homem. Há também a dimensão do exemplo, em que Ambrósio vê Cristo como modelo e guia para o pecador, a fim de conduzi-lo ao paraíso da graça original. O quarto ponto abordado por Muzzio está na agonia no Getsêmani. Ao falar da tristeza de Cristo, Ambrósio aponta a naturalidade da angústia diante da morte e, ao mesmo tempo, o Senhor não se deixa dominar por essa angústia e, inclusive, já se preocupa com o destino de seus discípulos que deveriam enfrentar o escândalo da cruz. O último tema é o da morte de Jesus. O texto de Mt 27,46 que cita o grito de Jesus “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” era um argumento também utilizado para negar a divindade de Cristo. Em sua reflexão, Muzzio afirma que Ambrósio busca manter a tensão entre a divindade e a humanidade: a primeira nunca se separou do Pai, porém, quanto à segunda, em solidariedade com os homens, Cristo viveu em tudo a natureza humana, já que o abandono não é apenas um processo físico, mas é uma experiência vivida por todos os homens diante de uma situação de limite.

Muzzio conclui este capítulo afirmando duas importantes contribuições de Ambrósio para o desenvolvimento da cristologia. Em primeiro lugar, a questão das duas vontades em Cristo, a divina e a humana. Se o Verbo assumiu uma natureza humana completa, a mesma consequentemente teria uma vontade própria. Este argumento será retomado no Concílio de Constantinopla III (680-681) para resolver a crise monotelita. Em segundo lugar, Ambrósio progride na reflexão acerca da alma de Cristo

em relação aos autores que lhe antecederam. Se estes não lhe atribuíram nenhuma função específica, o aprofundamento oferecido pela cristologia ambrosiana permite refutar os apolinaristas de forma explícita e os arianos de forma implícita, já que o bispo de Milão mostrou que o Verbo assumiu as fraquezas humanas porque quis e não por ser inferior ao Pai na divindade. Assim, Muzzio conclui que, de acordo com Ambrósio, Cristo não é apenas alguém que opera a salvação, mas também é modelo que todo cristão precisa seguir para encontrá-la.

Por fim, o quinto e último capítulo apresenta a repercussão posterior da cristologia ambrosiana tanto no Oriente como no Ocidente. Em relação ao Oriente, as contribuições do bispo de Milão consistem nos seguintes temas: a presença das duas naturezas completas e não misturadas; a unidade em um único sujeito; e, inclusive, em Ambrósio constam-se algumas ideias que desenvolveriam o conceito da *communicatio idiomatum*, isto é, a associação e mútua troca de propriedades divinas e humanas de Cristo. Alguns dos argumentos ambrosianos se fizeram presentes nos concílios de Éfeso (431), Calcedônia (451) e nas disputas cristológicas posteriores, sobretudo em torno do monofisismo e do monotelismo. Com relação ao Ocidente latino, Muzzio ressalta a influência da cristologia ambrosiana em Agostinho de Hipona e no papa Leão Magno. O autor, ainda, mostra que, com Ambrósio, pode-se dizer que se encerrara um ciclo na teologia latina, cuja influência do pensamento grego era notável e que, com Agostinho, iniciou-se uma nova etapa que deu marcas próprias à reflexão ocidental. Na relação entre Ambrósio e Agostinho, Muzzio afirma que o segundo seguiu o primeiro, ao menos no início de suas produções literárias. Com efeito, ambos enfrentaram heresias diferentes: Ambrósio voltou-se contra o arianismo e o apolinarismo, enquanto Agostinho debruçou-se contra o pelagianismo. Se Ambrósio preocupou-se mais com o mistério da encarnação em si, por sua vez, Agostinho deteve-se predominantemente nas suas consequências para o homem. Quanto à cristologia de Leão Magno, se, por um lado, sua terminologia se aproxima à de Agostinho, por outro, ao menos conceitualmente, sua abordagem se assemelha à de Ambrósio. Tal como o bispo de Milão, o pontífice busca manter a tensão entre a natureza divina e humana de Cristo.

A presente obra de Muzzio chama a atenção para a importância da cristologia de Ambrósio. Em geral, nos estudos de teologia, ao abordar a cristologia dos primeiros séculos, passa-se muito por alto a reflexão ambrosiana – às vezes sequer é mencionada. Nesta obra, observam-se as grandes contribuições do bispo de Milão nessa temática, uma vez que ele avança o tema e, ao mesmo tempo, oferece à tradição latina a grande riqueza do pensamento dogmático do oriente cristão. Em contrapartida, o bispo de Milão tornou-se o autor do ocidente latino que mais exerceu influência na teologia oriental, cuja repercussão alcançou séculos posteriores à sua morte. Além disso, o mérito do autor também consiste em expor o tema da humanidade de Cristo tanto antes como depois da era ambrosiana, proporcionando, desse modo, uma ampla visão dessa temática nos sete primeiros séculos.

A proximidade da celebração dos 1700 anos da realização do Concílio de Niceia propicia aos teólogos uma revisitação das controvérsias trinitário-cristológicas que atravessaram o quarto século. Assim, o livro em questão é uma excelente oportunidade para que a Igreja sempre se recorde da perene tarefa de se esforçar não só em apresentar como também em defender o essencial da fé cristã em cada época, da mesma forma como Ambrósio de Milão o havia empreendido em seu tempo.

**André Luiz Benedito**

Doutor pelo Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
São Paulo/SP – Brasil  
E-mail: katolous@yahoo.com.br